



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes:
Arte e Patrimônio como pertencimento"
dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE = Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

UM ENCONTRO ENTRE PEQUENAS MÃOS E A ARTE MILENAR: EXPERIÊNCIAS COM A CERÂMICA MARAJOARA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andreia Manho¹
Escola Viva Florescer

Rafaela Bressan Peres²
Escola Viva Florescer

RESUMO

Este artigo descreve uma pesquisa em andamento com crianças de 4 e 5 anos na Escola "Viva Florescer", localizada na cidade de Salto/SP, que tem arte e natureza como eixos da aprendizagem. A partir de um mapa do Brasil e um livro sobre as regiões, a denominada turma dos Gigantes, descobriu a cerâmica marajoara, investigou seus grafismos e experimentou suas técnicas, construindo reflexões sobre dificuldade, paciência, trabalho coletivo, tempo e a relação ética com um patrimônio cultural não originário. O percurso é analisado com base na pedagogia libertária (Ferrer y Guardia, Robin), na pedagogia da autonomia (Freire), na psicologia histórico-cultural (Vigotski), na abordagem triangular (Ana Mae Barbosa) e em pesquisas sobre criança, arte e natureza (Piazza). A experiência em andamento revela perguntas abertas sobre materiais e técnicas, além de ter fomentado o pensamento crítico de crianças e educadores, afirmando o patrimônio cultural como território de pertencimento e alteridade, não como consumo. O relato também reflete sobre a importância da arte como linguagem de acesso cotidiano, que não apareça descolada da realidade escolar, mas que habite o currículo para além da aula isolada de artes, potencializando o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Educação infantil; Cerâmica marajoara; Pedagogia libertária; Patrimônio cultural; Arte-educação.

INTRODUÇÃO

O que este artigo relata não é um projeto pronto, mas um percurso vivo - e, por isso mesmo, ainda em andamento. As perguntas não se esgotaram. As mãos seguem trabalhando. É assim que queremos que seja. A proposta da "Escola Viva Florescer", localizada na cidade de Salto (SP), tem como premissa uma educação viva, aberta e com a arte ocupando o lugar que lhe cabe na infância: o lugar todo. Este relato de experiência narra o início de uma pesquisa sobre culturas e regiões do Brasil, sem destino definido, sem saber aonde chegaria.

¹Pedagoga pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (2019), com percurso universitário na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013 a 2016). com projeto de iniciação científica sobre Educação Integral: recuperação histórica do conceito e experiências escolares no século XIX, Orientador: Professor Doutor José Damiro de Moraes. Pós-graduada em psicopedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul, atriz pelo Conservatório Carlos Gomes e idealizadora da Escola Viva Florescer, onde atua como diretora pedagógica. E-mail: adm.escolavivaflorescer@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3145791796505383>.

²Licenciada em Pedagogia, atua na área da Educação desde 2018 e professora na Escola Viva Florescer. Possui experiência em Educação Infantil, desenvolvimento de projetos pedagógicos e práticas investigativas centradas no protagonismo infantil. Participou de projeto de alfabetização e letramento voltado a funcionários não alfabetizados, desenvolvido em parceria com a empresa Colinas. Possui formação complementar em Contação de Histórias para Crianças e em Projetos na Educação Infantil, pela Vincular – Consultoria em Educação e Saúde da Infância. E-mail: rafaelabressan03@gmail.com

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Não havia uma rota pronta. Começou com um quebra-cabeça de um mapa no chão, um livro ilustrativo e a escuta atenta ao que as crianças pesquisadoras queriam descobrir.

Na "Escola Viva Florescer", o currículo se faz numa relação de ir e vir que considera a intencionalidade do educador, os valores da escola e a curiosidade das crianças. É preciso ouvir as perguntas e as hipóteses que vêm dos pequenos. O currículo não deve, de maneira alguma, ser imposto, assim como as pesquisas não devem chegar prontas na escola ou serem elaboradas por desconhecidos que sequer conhecem o chão que essas crianças, esses educadores, essa comunidade, pisam. Ele se constrói no chão da prática, na escuta das crianças, tal como nos ensinou Paulo Freire: "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 1996, p. 25). É na liberdade de ser, de pensar e questionar, que no diálogo se constroem percursos potentes de investigação, formação de caráter e conhecimentos. E é nessa relação de respeito, escuta e muitos caminhos possíveis que, como aprendemos com Francisco Ferrer y Guardia, pedagogo, anarquista catalão que, no início do século XX, defendeu o desenvolvimento da "máxima liberdade das crianças" (Francisco Ferrer y Guardia, 1913, p. 45), uma liberdade que não é ausência de limites, mas presença de sentido, construída em uma escola sem castigos, sem exames como instrumentos de poder e com a coeducação de gêneros - construímos o fazer e o conhecer em nossa escola.

Diante disso, este artigo parte da seguinte questão: como a experiência com a cerâmica marajoara, inserida em um contexto de educação integral livre, pode promover reflexões sobre identidade cultural, paciência para viver os processos, trabalho coletivo, pesquisa, tempo e a relação ética com um patrimônio cultural que não pertence de origem às crianças? A partir desse problema, emergem dois questionamentos específicos: (1) Como a arte marajoara, integrada a um processo investigativo que articula corpo e mente, pode se tornar um caminho para a valorização da identidade e da memória coletiva na educação infantil? (2) De que forma esse processo promove, nas crianças, o reconhecimento do patrimônio cultural como território de pertencimento e alteridade? Para responder a essas questões, este artigo tem como objetivo geral relatar e analisar um percurso de pesquisa com a cerâmica marajoara na educação infantil, destacando como a experiência artística pode favorecer o reconhecimento do patrimônio cultural como pertencimento.

A relevância deste artigo reside na necessidade de afirmar o patrimônio cultural não como algo a ser consumido ou folclorizado, mas como um território vivo de pertencimento e alteridade. Em tempos de apagamentos simbólicos e disputas pela memória, a arte-educação emerge como ferramenta de resistência e reconstrução de saberes.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes:
Arte e Patrimônio como pertencimento"
dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE = Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE UMA ESCUTA PARTICIPATIVA COM MÚLTIPLAS LINGUAGENS

O presente artigo faz um relato de experiência de natureza participativa, centrada na escuta ativa das crianças como produtoras de conhecimento e protagonistas em seu processo de aprendizagem, não apenas como respondentes. O desenho metodológico estrutura-se em torno de um eixo central: as perguntas investigativas formuladas pelas crianças, de forma individual - onde podemos visualizar as micro pesquisas que compõem um curso maior - e de forma coletiva - a pergunta que rege o grande projeto. Entendemos que dentro de uma mesma pesquisa habitam muitas outras de forte importância e que não devem ser ignoradas, assim como os desafios individuais de cada criança.

O projeto anual da turma dos Gigantes (turma multisseriada de 4 e 5 anos) na “Escola Viva Florescer” tinha como fio condutor as regiões e culturas do Brasil. Tínhamos um livro ilustrativo que mostrava, em cada página, símbolos de cada estado: a arara na Amazônia, o chimarrão no Sul, o frevo no Nordeste. Mas o livro estragou no ano anterior e agora tínhamos apenas um quebra-cabeça do mapa do Brasil. Uma criança sentiu falta dos desenhos e comunicou que seria interessantes se eles estivessem ali, como no livro. Ele não reclamou. Ele propôs uma solução: “Em cada região que a gente colocar - referindo-se a peça do quebra-cabeça- a gente pode pesquisar os símbolos, algumas coisas muito fortes ali na cultura, os lugares culturais de lá”. A ideia era dele. Nenhum adulto disse o que fazer. É possível notar que esta criança percebeu o que faltava e criou um modo de preencher essa “falta” a partir do repertório que havia construído nas pesquisas do ano anterior.



Figura 1 – Mapa do Brasil 2026
Fonte: coautora.

Isso é o que Vigotski (2004) chamou de imaginação criadora: não a capacidade de fantasiar coisas irreais, mas a capacidade de combinar elementos da experiência para produzir algo novo. A criança combinou o livro que não possuía mais, o mapa e o desejo de saber. Ele



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

criou um método de pesquisa. Foi ali que o projeto começou a criar contornos: a professora não dizia o que eles deveriam fazer, ela fazia perguntas, e as respostas, dúvidas e pensamentos das crianças, desenhavam os próximos passos, que ela organizava e relacionava com os campos de desenvolvimento e linguagens. Assim foram pesquisando, região por região.

Na região Norte foi visto uma imagem de um jarro de barro, que inicialmente, não despertou tanto interesse nas crianças. Após alguns dias a professora apresentou o livro "Saborzinho do Brasil" de Alice Granato, livro que apresenta a história de um menino que viaja pela região Norte, ele conhece Belém, o Mercado Ver-o-Peso, a floresta e a culinária. Em uma de suas páginas, estava a Ilha do Marajó - uma ilha que tem mais búfalos do que gente, e lá estava a imagem de um jarro de barro. Uma das crianças, D. - 5 anos - fez uma conexão: "É igual o que nós vimos na pesquisa do mapa". Esta criança não repetia uma informação, mas associava duas imagens vistas em momentos diferentes. Como afirma Vigotski (2004), a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência acumulada pelo sujeito. Ao relacionar a imagem do jarro encontrada na pesquisa do mapa com aquela apresentada no livro sobre a região Norte, D. mobilizou experiências anteriores para construir uma nova compreensão sobre o objeto investigado.

A partir daquela fala, pesquisamos o que era aquele jarro. Descobrimos a cerâmica marajoara - uma tradição que começou há mais de mil anos, quando os povos originários da Ilha do Marajó produziam utensílios de barro: pratos, copos, vasilhas. Com o tempo, aquela cerâmica utilitária foi ganhando formas mais elaboradas e, sobretudo, uma linguagem gráfica própria: quadrados, triângulos, círculos, espirais, meandros. Padrões repetidos. Padrões que pareciam obedecer a uma lógica que não conhecíamos.

O grafismo chamou a atenção, e o grupo descobriu que os desenhos tinham significados - um deles, por exemplo, representava a natureza e a proteção. No entanto, não foi isso o que realmente fascinou a turma dos Gigantes. O encantamento não veio dos significados, mas sim dos traços, da complexidade dos padrões e da aparente dificuldade de reproduzi-los. As crianças olhavam para as imagens e viam algo que parecia quase impossível de fazer com as próprias mãos. O que as fascinou foi a habilidade, a técnica, o desafio. É possível perceber isso quando uma criança de 4 anos, que gosta muito de desenhar, nomeou essa sensação ao olhar para as fotos da cerâmica marajoara, com aqueles padrões minuciosos repetidos, ela disse: "Isso deve ser muito difícil". Essa fala, aparentemente simples, tornou-se um dos momentos mais importantes de todo o percurso. Aquela criança praticava, sem saber,

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

um gesto de admiração genuína. E a admiração, na perspectiva freireana, é o começo de todo aprendizado verdadeiro.



Figura 2 – Grafismos Marajoaras das crianças na Escola Viva Florescer 2026

Fonte: coautora.

A professora pediu que cada um escolhesse um grafismo e tentasse reproduzi-lo no papel com carvão. Ela avisou que depois eles iriam passar esse desenho escolhido para a arte deles em cerâmica. Foi nesse momento, entre escolher o seu desenho e tentar reproduzi-lo, que vimos as relações acontecendo no fazer com as próprias mãos. Enquanto cada um deles se esforçava fazendo traço por traço, um diálogo riquíssimo acontecia. A professora pôde observar as aprendizagens, o pensamento, as resoluções tomando forma junto com os desenhos:

-“Eu escolhi esse desenho que tem às vezes os animais da Amazônia, mas é muito difícil esse desenho e quando eu vou desenhando fica tudo borrado. Eu acho que não vou querer fazer mais desenho no meu vaso” - disse uma criança, que estava muito insatisfeita, pois o desenho com o carvão borrava e ele não estava gostando nada disso.

- “É difícil mesmo. Cerâmica marajoara é muito difícil, né? Mas depois que termina fica bem bonito. Você pode fazer igual o meu se você quiser” - disse uma colega, que desde o início achou que a tarefa seria bem difícil.

-“As cerâmicas daquela ilha é muito diferente e muito bonita, mas dá um trabalhão. Também, tudo lá é diferente... As pessoas andam de búfalo, não andam de cavalo” - lembrou outra criança, do que haviam descoberto em suas pesquisas.

-“Andam de cavalo sim. Todos os lugares as pessoas também andam de cavalo” - discordou a amiga.

-“Não! Lá não tem cavalo. Só tem muitos búfalos. Tem mais búfalos até do que as pessoas e no livro a gente viu que eles andam só de búfalos” - afirmou a primeira.

-“Até os indígenas que fazem essa cerâmica andam assim?” - a outra ficou intrigada.

-“Eles não andam muito... Eles têm que fazer muitas cerâmicas para as pessoas comprarem e é muito, muito difícil, porque depois tem que queimar no fogo ainda” - concluiu outra criança, pondo fim à conversa.

(Diálogo de algumas crianças da escola “Viva Florescer”, 2026)

A partir desse momento, o percurso metodológico desdobrou-se em duas frentes simultâneas, característica central da educação integral praticada pela escola. Tal abordagem encontra fundamento em Paul Robin (1900), que, no orfanato de Cempuis, integrou o trabalho manual e intelectual como parte indissociável de uma formação libertária. Nesse contexto, as

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE = Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

crianças foram acompanhadas por uma artista ceramista e professora de cerâmica da escola Samara Kristiny, por meio da qual tiveram a oportunidade de modelar o barro.

Cada criança escolheu livremente o objeto a ser produzido - um copo, um pequeno jarro, um adorno ou uma tigela. A modelagem foi realizada manualmente, sem o uso de torno, empregando técnicas básicas como rolinhos, bolinhas de argila e placas, todas em escala reduzida, remetendo diretamente aos procedimentos utilizados pelos antigos ceramistas marajoaras. Tratando da educação infantil, o valor da experiência não reside na perfeição técnica do produto final, mas no gesto criador, na relação sensível com a matéria e no tempo de presença que o barro exige do artista em processo de formação.



Figura 3 – Desenvolvimento de proposição artística com cerâmica na escola Viva Florescer 2026

Fonte: coautora.

Em paralelo com a modelagem, as crianças pesquisaram os desenhos marajoaras. Imagens impressas com vários grafismos foram oferecidas. As crianças escolheram as que mais gostavam, os que pareciam mais difíceis, mais intrigantes, mais bonitos. Não foi uma imposição de estilo. Foi uma curadoria coletiva. Ao acompanhar esses processos simultâneos, observamos que o conhecimento não estava sendo produzido individualmente, mas na relação constante entre crianças, adultos, materiais, imagens e conversas. Como nos lembra Paulo Freire (2011), "no fundo, o conhecimento é social também, e não só individual, apesar da dimensão individual que há nessa curiosidade". A pesquisa sobre a cerâmica marajoara evidenciou justamente essa construção coletiva do saber, em que uma descoberta de uma criança alimentava a investigação das demais e ampliava o percurso comum.

Uma criança de 4 anos escolheu um grafismo que parecia um caracol, só que quadrado. Porém, quando foi tentar reproduzi-lo na sua peça, achou muito difícil e pintou tudo de uma cor só. Disse para a professora: "eu não vou querer vaso marajoara, o meu vai ter só uma cor" - como quem resolve um problema com facilidade. Mas a professora insistiu: "estamos aprendendo sobre a arte marajoara, então vamos precisar desse grafismo, você pode escolher outro", e explicou que ele poderia começar novamente. A criança seguiu sua fala: "Esse aqui de quadrado é difícil. Só quem mora naquela ilha dos búfalos de Marajó, que

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE = Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

consegue. Eu vou escolher esse aqui que é mais fácil, olha: É só subir e descer, subir e descer, subir e descer e pronto.” Para além da relação com a arte marajoara, essa criança experimentou possibilidades diante do que nos desafia, desistir, refletir, escolher, traçar uma nova rota. A conexão com a arte nos ensina sobre a vida.

A pesquisa chegou aos materiais que os povos originários da ilha do Marajó usavam para pintar. Descobriu-se que eles extraíam tintas da natureza: pigmentos de terra, de frutas, de sementes. A tinta utilizada na escola é o engobe, muito parecida com a tinta utilizada na ilha do Marajó, porém, as que usamos, chegaram prontas. Não extraímos os pigmentos, não fizemos nossa própria tinta. Nomeamos essa diferença. Não a escondemos.

A integração entre arte, natureza e desenvolvimento infantil tem sido objeto de investigações no campo da arte-educação. Piazza (2025), ao estudar experiências artísticas com crianças de 5 e 6 anos, identificou que o contato com elementos naturais, como terra, água e fibras, potencializa a expressão criativa, a autonomia e a experiência estética na primeira infância. O barro, matéria que carrega em si a materialidade da terra, constitui um desses elementos privilegiados: ao modelá-lo, as crianças não apenas aprendem uma técnica, mas estabelecem uma relação sensível e corporal com a natureza.

Conforme destacam Piazza e Stoltz (2025), as práticas educativas que exploram as potencialidades da relação entre criança, arte e natureza promovem o desenvolvimento físico, social, emocional, cultural, criativo e ambiental. A vivência com a cerâmica marajoara na “Escola Viva Florescer” corrobora essa perspectiva: o barro, ao mesmo tempo, é cultura (herança milenar marajoara) e natureza (matéria extraída da terra). Essa dupla condição torna o trabalho com a cerâmica particularmente potente para a educação infantil, pois articula saberes tradicionais, expressão artística e consciência ecológica.

Ainda não sabemos se as tintas usadas para fazer os vasos marajoaras são exatamente como as que usamos, o engobe. Ainda não sabemos se a técnica é exatamente a mesma ou apenas parecida. Essas são perguntas abertas. A pesquisa continua. Quando chegou o momento de pintar sobre o barro seco, as dificuldades que uma criança havia antecipado se concretizaram. O pincel não deslizava como no papel. A textura do barro era áspera, irregular. Ela disse: “é muito difícil, eu tenho que fazer muito”. Quanto maior o jarro que a criança havia escolhido fazer, maior a superfície para pintar. Isso não tornava a tarefa mais fácil; tornava-a mais trabalhosa, mais extensa, mais demandante de concentração. Algumas crianças optaram pelo dedo. Achavam mais fácil, mais controlável. Outras insistiram no pincel. Não havia certo ou errado. Havia escolha, experimentação e liberdade, todos estes pilares da “Escola Viva Florescer”.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE = Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Houve necessidade de espera e paciência. Quando as peças ficaram prontas, elas não foram direto para a queima. O barro precisa secar. Uma criança perguntou: “mas quando a gente fez uma arte, foi muito rápido. Essa cerâmica marajoara demora tudo isso?” Esta pergunta atravessa o tempo da arte escolar, rápida, produto imediato, e o tempo da arte tradicional, lenta, processual, feita de tempo.

Nas pesquisas, descobrimos algo que chamou a atenção das crianças. Na Ilha do Marajó, a produção de cerâmica, atualmente, é frequentemente um trabalho coletivo. Especialmente em épocas de alta demanda, os ceramistas se reúnem e dividem as tarefas: uns modelam, outros pintam, outros queimam, outros cuidam da venda. Uma das crianças comentou: “igual a gente quando a gente faz junto”. Era exatamente isso. José Damiro de Moraes (2000), ao estudar as práticas educativas anarquistas na Primeira República, identificou que a organização coletiva era um princípio central dessas experiências: os centros de cultura e ateneus eram espaços de formação mútua, onde trabalhadores se reuniram para aprender e ensinar uns aos outros. A descoberta das crianças sobre o trabalho coletivo dos marajoaras foi a confirmação de algo que já viviam: que juntos se faz melhor. Esse é um valor cheio de sentido que preenche a educação integral livre, onde a cooperação toma o lugar da competitividade, onde aprendemos que o processo colaborativo nos fortalece e permite que realizemos coisas mais potentes. Em nossa escola, não precisamos ser melhores que o nosso colega, por isso, podemos ajudar uns aos outros e trabalhamos juntos com respeito ao processo de cada indivíduo. No processo de pintura, algumas crianças se deslocaram, para ajudar seus colegas com sua pintura.



Figura 4 – Pintura coletiva das peças produzidas com barro na Escola Viva Florescer 2026

Fonte: coautora.

A DIMENSÃO ÉTICA: PATRIMÔNIO COMO PERTENCIMENTO

Ao final desse percurso, que ainda não terminou, uma pergunta permanece. O que as crianças fizeram pode ser chamado de “arte marajoara”? A arte marajoara é uma tradição de



opae.com.br/





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

mais de mil anos, pertence àquele lugar, àquelas famílias, àquelas mãos que aprenderam com as avós. Não é um estilo. É uma herança. E hoje essa herança virou também fonte de renda. Muitas pessoas compram essas cerâmicas na internet, em lojas de aeroporto, em feiras de artesanato. Parte desse dinheiro não volta para as comunidades que criaram a tradição.



Figura 5 – Peças produzidas por crianças de 4 e 5 anos, com cerâmica, na Escola Viva Florescer 2026
Fonte: coautora.

Ana Mae Barbosa (2015) nos alerta sobre o risco do "folclorismo" no ensino da arte, quando se abordam culturas tradicionais de forma superficial, reduzindo-as a motivos decorativos, sem aprofundar seus significados. Tentamos evitar esse risco em tudo o que vivemos em nossa escola. Mas a pergunta continua. Sabendo que a educação é um ato político - Paulo Freire (1996). Não há neutralidade. Ao escolher trabalhar com a cerâmica marajoara, fizemos uma escolha política: valorizar uma tradição originária, deslocar o eixo do currículo. Mas a escolha não basta. É preciso também nomear os limites.

Piazza (2025) nos lembra que a experiência estética na educação infantil não se reduz ao produto final, mas ao processo de construção de sentido. Sua análise das categorias "expressão criativa, autonomia e liberdade" e "nós natureza" aponta para a necessidade de que as crianças se percebam como parte do mundo natural, não como observadoras externas. Essa percepção é fundamental quando trabalhamos com patrimônios culturais originários: as crianças precisam compreender que a cerâmica marajoara não é um "estilo" que pode ser consumido, mas uma tradição viva, enraizada em um lugar e em uma relação específica com a natureza amazônica.

Portanto, pode-se dizer que as crianças experimentaram, fizeram uma releitura, com admiração genuína. Isso é legítimo. Isso é valioso. Mas o que elas fizeram não é arte marajoara autêntica. Se uma ceramista profissional fizesse um vaso com as características da arte Marajoara, ainda assim seria diferente. Porque não carregaria a sua história, a tradição, as mãos formadas por gerações marajoaras.

Vamos expor a arte construída pelas crianças, celebrá-la, usá-la como memória de um aprendizado. Essa conversa não se encerra aqui. O tema precisa voltar. É por isso que esta

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE = Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

pesquisa está em andamento. O que ficou, até agora, não é um produto acabado. É um processo. Quando retoma-se a fala daquela criança que afirma: "isso deve ser muito difícil", constatamos que, sim, era realmente difícil. E a perseverança de tentar mesmo assim.

Quando surgiu o questionamento sobre o tempo - o fato de que a cerâmica marajoara demanda todo esse tempo -, ficou a pergunta de uma criança. E apresentou-se a resposta da ceramista Samara Kristiny: o barro não pode ser apressado. As crianças tiveram a oportunidade de descobrir que lá no Marajó trabalha-se conjuntamente e de perceberam que na escola deles também.

A fala de uma criança foi anotada nos registros de bordo da professora Rafaela: "eu não sabia que minha mão sabia fazer isso". Essa fala sintetiza tantas coisas que atravessaram cada um que caminhou nesse percurso de investigação pela arte, a criança não sabia, mas aquelas pequenas mãos, aprenderam, descobriram, criaram. Como diz Vigotski (2001) o aprendizado não é um ato solitário. Ele acontece na relação com o outro, com a cultura, com as ferramentas que a cultura oferece. O barro é uma ferramenta cultural. Os grafismos marajoaras são cultura. As mãos das crianças, ao aprenderem a modelar e a pintar, estão se apropriando de algo que as ultrapassa, mas que, ao ser tocado por elas, se torna também delas, com a consciência ética de que se trata de uma herança que não lhes pertence de origem.

Este artigo retoma o pensamento de José Damiro de Moraes (2000), que defende que a educação anarquista no Brasil não foi uma utopia abstrata - ela se materializou em escolas, centros de cultura e ateneus que, mesmo perseguidos e fechados, deixaram um legado de resistência e criatividade pedagógica. Esse legado nos lembra que outra educação é possível. E nos autoriza a sonhar, e a realizar, uma escola onde as crianças são protagonistas, onde o trabalho manual e intelectual se integra, onde a liberdade é exercida com responsabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa não terminou. As peças serão queimadas, não no fogo, num forno elétrico. A conversa com as crianças sobre o que significa admirar uma cultura que não é a nossa, seguirá. As perguntas continuam. É isso que a "Escola Viva Florescer" propõe ser: um lugar de perguntas, não de respostas prontas. Um lugar onde a arte e a natureza são fios condutores, não fios que amarram, mas os fios que se conectam. Que conectam as mãos ao barro, o barro à história, a história às crianças, as crianças umas às outras.

Como nos ensina Piazza (2025), cultivar a conexão das crianças com o mundo natural é uma oportunidade valiosa que enriquece o desenvolvimento integral e inspira comportamentos mais conscientes em relação ao meio ambiente. Na pesquisa em andamento

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE = Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

com a cerâmica marajoara, esse cultivo se deu pelo barro, matéria que conecta mãos, terra, história e alteridade. É justamente nesse ato de não estar findada a pesquisa deste relato de experiência da “Escola Viva Florescer” que reside sua potência educativa, afinal “a educação não deve ser uma preparação para a vida, mas a própria vida em sua plenitude, desde a infância” (Ferrer y Guardia, 1913, p. 12). Foi isso que tentamos viver e vamos continuar tentando.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERRER Y GUARDIA, F. **A Escola Moderna**. Barcelona: Publicaciones de la Escuela Moderna, 1913.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Partir da infância: diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GRANATO, Alice. **Saborzinho do Brasil: Norte**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MORAES, J. D. de. **A educação libertária na bagagem dos imigrantes: uma trajetória no Brasil**. Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, n. 8, 2000.

PIAZZA, M. A. **Criança, arte e natureza: experiências artísticas na educação infantil**. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

PIAZZA, M. A.; STOLTZ, T. **A relação entre criança, arte e natureza: uma revisão integrativa**. Caderno Pedagógico, v. 22, n. 8, 2025.

ROBIN, P. **A educação integral**. Paris: Librairie des Sciences Politiques et Sociales, 1900.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Trabalho original publicado em 1934).

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2004.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

